

AS AVENTURAS DE NGUNGA: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA.

Isabella Pereira Pimentel
Sthefani Cordeiro da Silva.
Faculdade de História/UFG
Comunicação livre
Cultura e processos educacionais

O presente trabalho pretende discutir as possibilidades didáticas para o ensino de história da África, tendo como suporte a lei 11.645/2008 que frisa a obrigatoriedade do ensino das culturas africana, afro-brasileira e indígena. A relação entre história e literatura na construção do conhecimento, pode ser entendida, a partir das leituras de Pepetela, escritor angolano, de forte influência no cenário africano. O uso do livro “As aventuras de Ngunga” como artifício didático, possibilita aos discentes conhecer as singularidades africanas, propondo novas leituras. Discutir-se-á os artifícios presentes no romance e o seu estrito vínculo com as questões pedagógicas, sendo uma possibilidade para inserção da temática africana em sala de aula.

Palavras-chave: História, ensino e literatura.

O nosso objetivo não é ficar restrito as questões estéticas literárias, tendo em vista que não cabe a nós tal análise, sendo assim o uso do romance terá um papel importante para nos revelar os anseios, que circundavam as pessoas naquele período. A expressão de alguns desses desejos será verbalizada pelo autor Pepetela, a escolha desse relaciona-se com a sua presença marcante no cenário angolano, como um sujeito histórico ativo.

Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos (Pepetela), nasceu em Benguela em 29 de outubro de 1941. É na sua cidade natal que Pepetela faz o ensino primário, depois parte para o Lubango, onde era possível prosseguir os estudos e foi no Liceu Diogo Cão que Pepetela completou o ensino secundário.

Em 1958, parte para Lisboa, para cursar o ensino superior no Instituto Superior Técnico que o autor frequentou até 1960 quando ingressa no curso de engenharia, tendo participado nesse momento da Casa dos Estudantes do Império. Muda de curso, iniciando os estudos de Letras durante um ano, em 1961, Pepetela faz a opção política que viria a mudar o rumo da sua vida e marcar toda a sua obra, tornando-o um narrador de uma história de Angola que conhece, porque a viveu. Pepetela tornou-se militante do MPLA¹ em 1963. Em 1969, Pepetela, vai para a região de Cabinda onde participa diretamente da luta armada, como guerrilheiro e responsável pelo setor de educação. Adotou o nome de guerra de Pepetela, que significa pestana na língua Umbundo, e que mais tarde viria a utilizar como pseudônimo literário.

Em 1972 é transferido para Frente Leste, região da província do Moxico, desempenhando as mesmas funções até 1974. Integrou a primeira delegação do MPLA que chegou a Luanda em Novembro de 1974. Quando abandona a vida política, opta pela carreira de docente na faculdade de arquitetura em Luanda ministrando a disciplina de sociologia. Nunca deixa de dar aulas embora se mantenha como escritor o tempo inteiro, até ter vindo para Lisboa.

¹ O termo designa o Movimento Popular de Libertação de Angola, sua fundação oficial ocorreu em 1956 transformou-se em um partido político após a independência.

Tendo em vista a sua presença marcante no cenário angolano, a escrita de Pepetela nos traz uma noção de constante vivência e luta pela libertação de sua pátria, trazendo-a em vários aspectos do livro “As aventuras de Ngunga”. Essa é produzida na Frente Leste, situada na província do Moxico, durante o processo de luta pela independência de Angola em 1972. Sua obra realiza a tomada de posição refletida e sua consciência de escritor de pertencer ao mundo e sua vontade de mudá-lo. Essa obra de Pepetela tinha a proposta de ser um instrumento de aprendizado para os “pioneros” e guerrilheiros na área em que se encontrava.

O autor enquanto sujeito histórico ativo e no exercício da docência dedicou-se ao ensino da língua portuguesa e a compreensão da língua mbunda. Desempenhando o cargo de responsável pela Educação, ele percebe a ineficácia do material didático, e decide escrever em língua portuguesa um texto de apoio à alfabetização, que depois seria traduzido para mbunda, língua falada naquela localidade. A obra, além disso, é um passeio pela história, onde ele descreve os ideais políticos do MPLA, as tradições e a geografia local.

Sua escrita remete fundamentalmente a oralidade, em África, a palavra verbalizada possui um valor vinculado às tradições locais; sendo assim, sua narrativa é construída em 28 pequenos capítulos. A história relata a aventura de um pioneiro pelas trilhas da sua terra para iniciar-se na arte de ser guerrilheiro.

Ngunga personagem-símbolo da luta pela independência angolana – em suas peripécias pelos kimbo² e em seu caminho rumo à consciência de si mesmo e do papel natural de Angola no embate que se entrava com a metrópole portuguesa. (CAETANO, 2006. p.43)

A história das peripecias de *Ngunga*, órfão de 13 anos que se encontra imerso no contexto da guerrilha. O jovem objetivando a conquista da integridade, do auto-conhecimento e da consciência política traça um caminho de aprendizagem para tornar-se um guerrilheiro modelo. Por viver habituado as viagens, ele não enxergava a necessidade de frequentar a escola. Seu maior interesse era torna-se guerrilheiro como *Nossa Luta*, personagem que o acolhe depois da morte de seus pais narrada no primeiro capítulo.

A inovação pedagógica advém do incentivo a educação que o personagem central recebe dos seus “camaradas” o professor *União* e do comandante *Mavinga*. O diálogo de Ngunga e Mavinga nos traz a tona a visão do autor acerca da vivência de crianças na Seção³. A cena retrata o encontro dos dois personagens em que Mavinga questiona a presença de Ngunga naquele ambiente, já que o mesmo deveria estar na escola. Ngunga caracteriza-se, então, como o herói que não deseja riqueza, honra, poder ou imortalidade, mas que aspira à integridade, ao conhecimento e à sabedoria.

Pepetela constroi através de seu discurso uma provocação a ordem vigente. A sua proposta é a instauração de uma nova ordem. A pedagogia da esperança consiste em interromper a pedagogia impositiva colonial, que homogeneizava o cenário retratado. *União* transmite através das suas conversas com Ngunga a importância naquele contexto do ensino e apesar da sua inquietude em permanecer em um só local, Ngunga é instigado a vivenciar a experiência escolar.

O ofício do docente ao longo do livro caracteriza-se por seu engajamento político e educacional. É nesse aspecto que o autor evidencia a (re)construção de uma identidade nacional tendo como desafio para alterar a realidade social profundamente desigual,

² Kimbo: Povoado, tribo.

³ Seção, termo designado para indicar as subdivisões internas da guerrilha.

Ngunga representa o próprio nível de consciência que se deve alcançar. Na criação de um mundo menos marcado pela dualidade e contrastes sociais.

Utilizando a interdisciplinaridade, História e Literatura a proposta é, com o auxílio da segunda, tornar mais próximo a realidade da criança e do adolescente a compreensão da primeira. Sendo assim, situando-se o presente para projetar o futuro, em uma espécie de espiral como ponto de partida, tem a História disciplina, voltada para uma compreensão e correlativamente uma interpretação dos fatos e da busca de sentido para eles, passando então para a literatura no intuito de sedimentar todos os conceitos mencionados pela História, mas no cotidiano do aluno, assim os acontecimentos poderiam ser tornar mais próximos e mais simples de serem compreendidos.

Sabendo do caráter científico da História e do seu compromisso com a verdade, o docente deixaria evidente aos seus alunos essa separação para que assim não haja uma mistura nos conceitos de cada uma das disciplinas, fortalecendo o objetivo e a função que cada uma possui na relação com seu público.

“É a passagem do mundo da leitura para a leitura do mundo”.
(HELD, 1980:180)

A forma de espiral serve para ilustrar a citação acima, esse movimento constante entre a leitura do mundo e o mundo da leitura. A cultura informa através de seus arranjos simbólicos, valores e crenças que orientam as percepções de mundo, neste sentido a construção do conhecimento tendo como suporte não apenas o livro didático faz-se necessário explicitar aos alunos que o livro não possui uma verdade pronta e acabada, a problematização deste para que desse modo ocorra um amadurecimento saudável do conteúdo e das especificidades que competem a cada disciplina.

Sabendo das dificuldades para o ensino de história da África, pensamos neste trabalho como uma das inúmeras leituras possíveis de serem trabalhadas em sala de aula na tentativa não de banalizar o conteúdo, mas de aproximá-lo da realidade daqueles que estão na maioria das vezes diretamente vinculados, porém o negam por não conhece-lo, ou por terem um pré-conceito formulado sobre o continente africano.

O principal problema encontrado no processo de ensino e aprendizado da História Africana não é relativo à história e à sua complexidade, mas é com relação aos preconceitos adquiridos num processo de informação desinformada sobre a África. (JR., Henrique Cunha, 1992)

Apesar das barreiras que deverão ser enfrentadas, o docente é a ponte que permitirá e possibilitará essa passagem, propondo um material pedagógico voltado para essa questão e interagindo com outras áreas do conhecimento, assim o assunto não será reduzido a uma questão exótica, sem ligação com a realidade vivida. A Literatura é apenas uma das inúmeras possibilidades que poderá fazer parte desse aprendizado, tornando-o mais integrante e possível de troca reconhecendo a importância do corpo, emoção e cognição no ato de aprender assim esse universo será mais palpável e dotado de sentido.

Implantando um ensino voltado para a diversidade e respeito as diferenças fundamentando a prática escolar diária para uma educação anti-racista é um caminho que se deve percorrer. Sabendo das restrições da disciplina e inclusive dos limites que o próprio conteúdo nos revela, acreditamos que o início de uma mudança acontecerá a partir de discussões palpáveis, ou seja, quando a preocupação estiver focada no campo prático.

Reconhecemos a importância teórica e sua estrita ligação com a prática, contudo é visível a presença de trabalhos estritamente teóricos e estanques, no sentido de que antes mesmo de pensarmos nas projeções acadêmicas científicas, deveríamos nos preocupar com a difusão e o andamento do ensino nas escolas. Tendo em vista, que já estão às crianças e os adolescentes que irão ocupar as futuras carteiras na academia, e estes carecem de um ensino de qualidade que tenha um compromisso não apenas estatístico, mas acima de tudo humano.

Continuo então minha trajetória com mais força e esperança, na certeza de que mesmo nos momentos mais difíceis, quando parece que estamos sós e perdidos no meio do vendaval, na verdade outros assumem conosco o mesmo desafio, a mesma tarefa, o mesmo trabalho. (COELHO, 1996.p.6)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, MANUEL CORREIA. *O Brasil e a África (Repensando a geografia)*. São Paulo: Contexto, 2001.

CAETANO, Marcelo José. *A pedagogia da esperança em As Aventuras de Ngunga*. Belo Horizonte: Scripta (PUC-MG), v. 10, p. 43-53, 2006.

JÚNIOR, Henrique Cunha. “Nós, afro-descendentes: História Africana e afro-descendente na cultura brasileira”. In: *História da Educação do Negro e outras histórias*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005.

LIMA, Heloisa Pires. Personagens negros: Um breve perfil na literatura infanto-juvenil. In: *Munanga, Kabengele*. (Org). Superando Racismo na escola. Brasília: MEC, 2000.

LIMA, Heloisa Pires. Personagens negros: Um breve perfil na literatura infanto-juvenil. In: *Munanga, Kabengele*. (Org). Superando Racismo na escola. Brasília: MEC, 2000.

PEPETELA. *As Aventuras de Ngunga*. Autores Africanos. São Paulo, Ática, 1980.

PEPETELA, Biografia. Disponível em <http://www.uea-angola.org/bioquem.cfm?ID=79>, acessado em 05/07/2009.